



Caderninhos de
Educação Ambiental

O Caminho para



ALE



ERDIDO

Patricia Engel
Secco

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE

1

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Geraldo Alckmin

Secretaria do Meio Ambiente

Secretário

Bruno Covas

Coordenadoria de Educação Ambiental

Coordenadora

Yara Cunha Costa

O Caminho para o **VALE PERDIDO**



Patrícia Engel Secco
Ilustrações: Edu A. Engel



Tudo está conectado

Imagine um mundo em que os adultos, quando crianças, foram estimulados e ativamente inspirados a desenvolver um senso de cuidado com o meio ambiente. Um mundo com adultos que cresceram tendo a chance de experimentar e conhecer a natureza de forma mais próxima e cheia de significado. Adultos que construíram ao longo de toda a vida um entendimento sobre a interconectividade e interdependência de todos os seres vivos e não vivos que habitam a Terra. Pessoas que nutriram um senso de cuidado e de responsabilidade pelo bem-estar de todas as comunidades do planeta e que agora pretendem honrar com esse compromisso e acreditam que têm poder para fazê-lo.

Visando construir um mundo repleto de pessoas assim, reconhecemos a importância de fazer com que as crianças entendam desde cedo que o nosso planeta é um sistema fechado e que tudo está conectado. Ciclos naturais saudáveis são essenciais para o bem-estar desse sistema. As crianças precisam saber o seu papel nesse sistema, cuidar do meio ambiente e dos outros e sentir que têm o poder para fazer a diferença.

É nesse contexto que a Secretaria do Meio Ambiente, por meio da Coordenadoria de Educação Ambiental, lança a coleção Caderninhos de Educação Ambiental. Uma série de livros escritos por autores renomados na área da educação ambiental infantil e pensados especialmente ao educar, de forma lúdica. Esperamos, com isso, fornecer ferramentas para auxiliar no aprendizado das crianças acerca do meio ambiente e da sustentabilidade. Que os pais se sintam estimulados a ler sobre meio ambiente para seus filhos; que eles leiam junto com eles e para eles; que as crianças, encontrem o prazer da leitura nesses caderninhos; que as escolas adotem essa coleção como mais uma ferramenta a ser usada em suas aulas de educação ambiental e em seus momentos de lazer. Mais ainda, esperamos que, como extensão desse trabalho, os pais entendam o valor de passar mais tempo com suas famílias ao ar livre, de servirem como exemplo para os pequenos por meio de suas próprias atitudes no dia a dia, que visitem os parques urbanos e os parques estaduais em seu tempo livre, criando oportunidade para viver experiências enriquecedoras com suas famílias e aproveitem para ensinar e aprender princípios ambientais sustentáveis.

Educação e Educação para a sustentabilidade são o maior legado que podemos deixar para as nossas crianças e para o mundo.

Bruno Covas
Secretário de Estado do Meio Ambiente

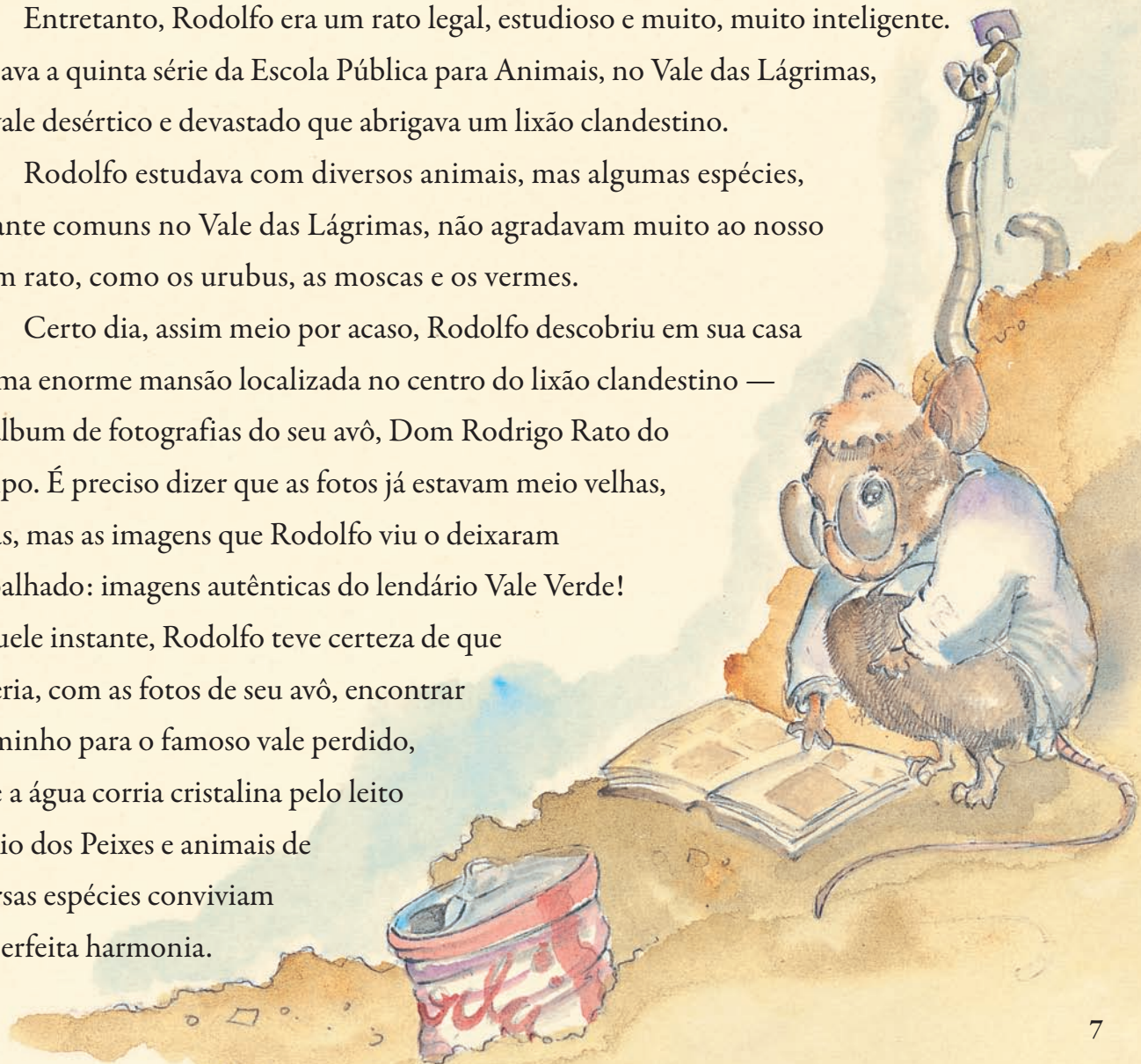


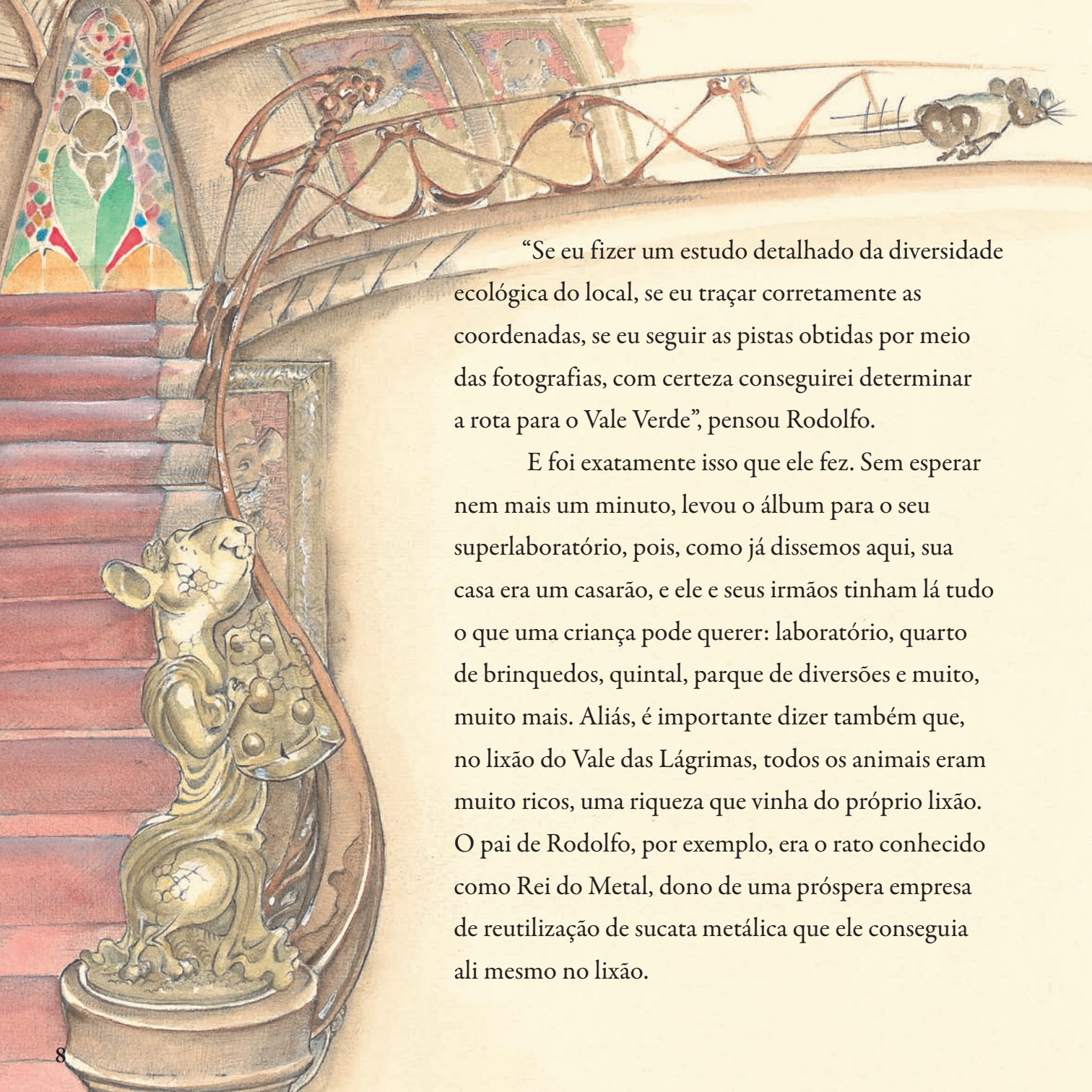
Rodolfo era um rato. Não um ratinho fofinho de laboratório, mas um rato tipo rato mesmo, de rabo pelado e tudo o mais.

Entretanto, Rodolfo era um rato legal, estudioso e muito, muito inteligente. Cursava a quinta série da Escola Pública para Animais, no Vale das Lágrimas, um vale desértico e devastado que abrigava um lixão clandestino.

Rodolfo estudava com diversos animais, mas algumas espécies, bastante comuns no Vale das Lágrimas, não agradavam muito ao nosso jovem rato, como os urubus, as moscas e os vermes.

Certo dia, assim meio por acaso, Rodolfo descobriu em sua casa — uma enorme mansão localizada no centro do lixão clandestino — um álbum de fotografias do seu avô, Dom Rodrigo Rato do Campo. É preciso dizer que as fotos já estavam meio velhas, gastas, mas as imagens que Rodolfo viu o deixaram abobalhado: imagens autênticas do lendário Vale Verde! Naquele instante, Rodolfo teve certeza de que poderia, com as fotos de seu avô, encontrar o caminho para o famoso vale perdido, onde a água corria cristalina pelo leito do Rio dos Peixes e animais de diversas espécies conviviam em perfeita harmonia.





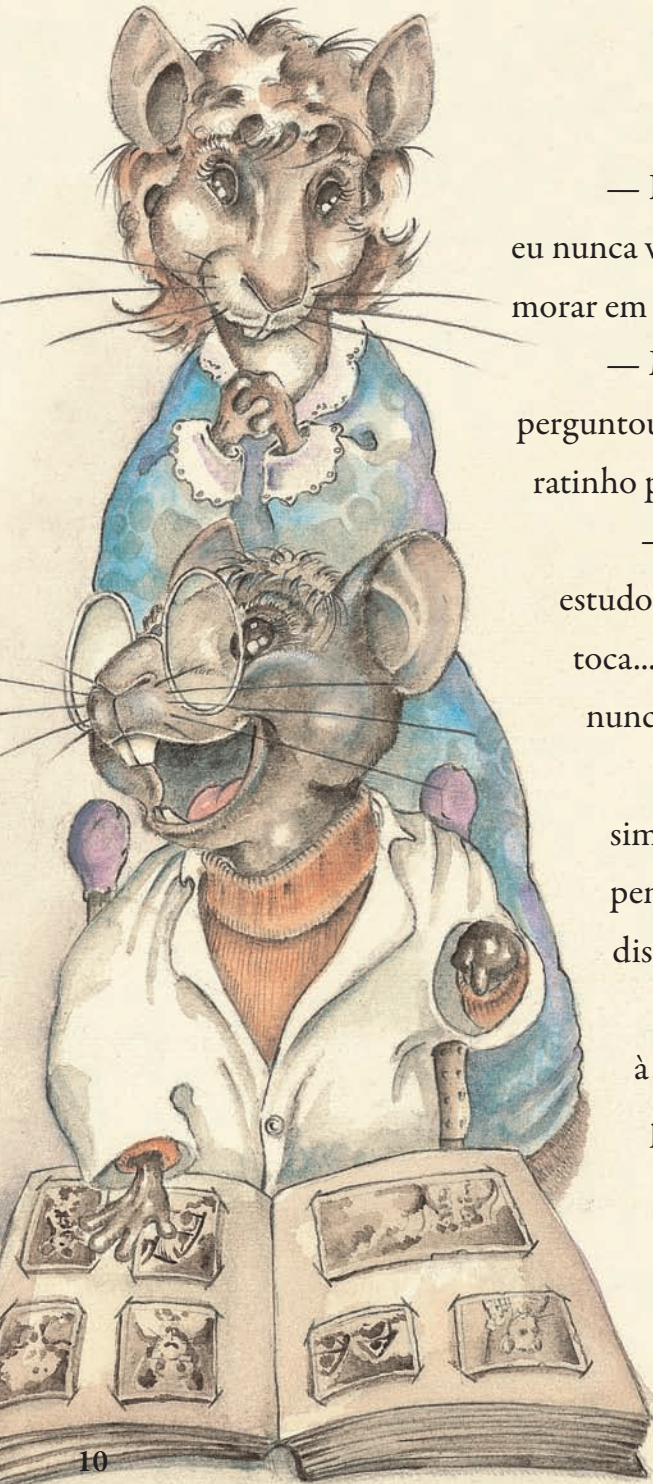
“Se eu fizer um estudo detalhado da diversidade ecológica do local, se eu traçar corretamente as coordenadas, se eu seguir as pistas obtidas por meio das fotografias, com certeza conseguirei determinar a rota para o Vale Verde”, pensou Rodolfo.

E foi exatamente isso que ele fez. Sem esperar nem mais um minuto, levou o álbum para o seu superlaboratório, pois, como já dissemos aqui, sua casa era um casarão, e ele e seus irmãos tinham lá tudo o que uma criança pode querer: laboratório, quarto de brinquedos, quintal, parque de diversões e muito, muito mais. Aliás, é importante dizer também que, no lixão do Vale das Lágrimas, todos os animais eram muito ricos, uma riqueza que vinha do próprio lixão. O pai de Rodolfo, por exemplo, era o rato conhecido como Rei do Metal, dono de uma próspera empresa de reutilização de sucata metálica que ele conseguia ali mesmo no lixão.

Seu tio era o famoso Kid Ratão, dono da gigantesca fábrica Ratazana de Plástico, responsável pelo recolhimento de todo o plástico do Vale das Lágrimas. Com o metal e o plástico recolhidos, os animais faziam suas casas, seus carros, tudo de que necessitavam para viver confortavelmente no querido lixão.

Bem, mas voltando ao nosso amigo Rodolfo... Ele então levou o material para o laboratório e começou sua pesquisa. Nas fotografias apareciam muitas formas vegetais estranhas, que Rodolfo nunca tinha visto. Uma delas chamou muito a atenção desse rato estudioso: era como um grande cilindro marrom, que sustentava em seu topo milhares de pequenas formações verdes. Concluiu que aquilo devia ser um tipo de vegetal que ele um dia vira em seus livros. Seu avô, Dom Rodrigo, morava em uma pequena toca, justamente no local onde o grande cilindro marrom se encontrava com o solo, e Rodolfo podia ver claramente que inúmeros animais moravam por toda aquela estranha estrutura.





— Por que será que aqui, no lixão do Vale das Lágrimas, eu nunca vi algo assim? — pensou alto Rodolfo. — Eu adoraria morar em uma toca como a do vovô...

— Mas o que é que você está dizendo, querido? — perguntou Dona Joana Rata, mãe de Rodolfo, que, sem que o ratinho percebesse, havia entrado em seu laboratório.

— Nada, nada, mamãe! É que estou aqui fazendo uns estudos e encontrei uma foto do vovô Dom Rodrigo em sua toca... Ele morava em um lugar muito diferente, como eu nunca vi por aqui — respondeu Rodolfo.

— Esqueça esse assunto, querido. Seu avô era um simples rato do campo, sem muitos recursos, que nunca pensou em viver em uma casa bonita como a nossa... — disse a mãe. — Agora, venha almoçar.

E Rodolfo obedeceu ao chamado, sentando à mesa fartamente servida: havia para o almoço pedaços de carne, verduras um pouco passadas e frutas semiestragadas. As crianças estavam famintas e quiseram logo se servir, mas Dona Joana Rata lembrou:

— Calma, crianças, antes da refeição o nosso agradecimento ao homem, que joga todas essas riquezas em nosso lixo.

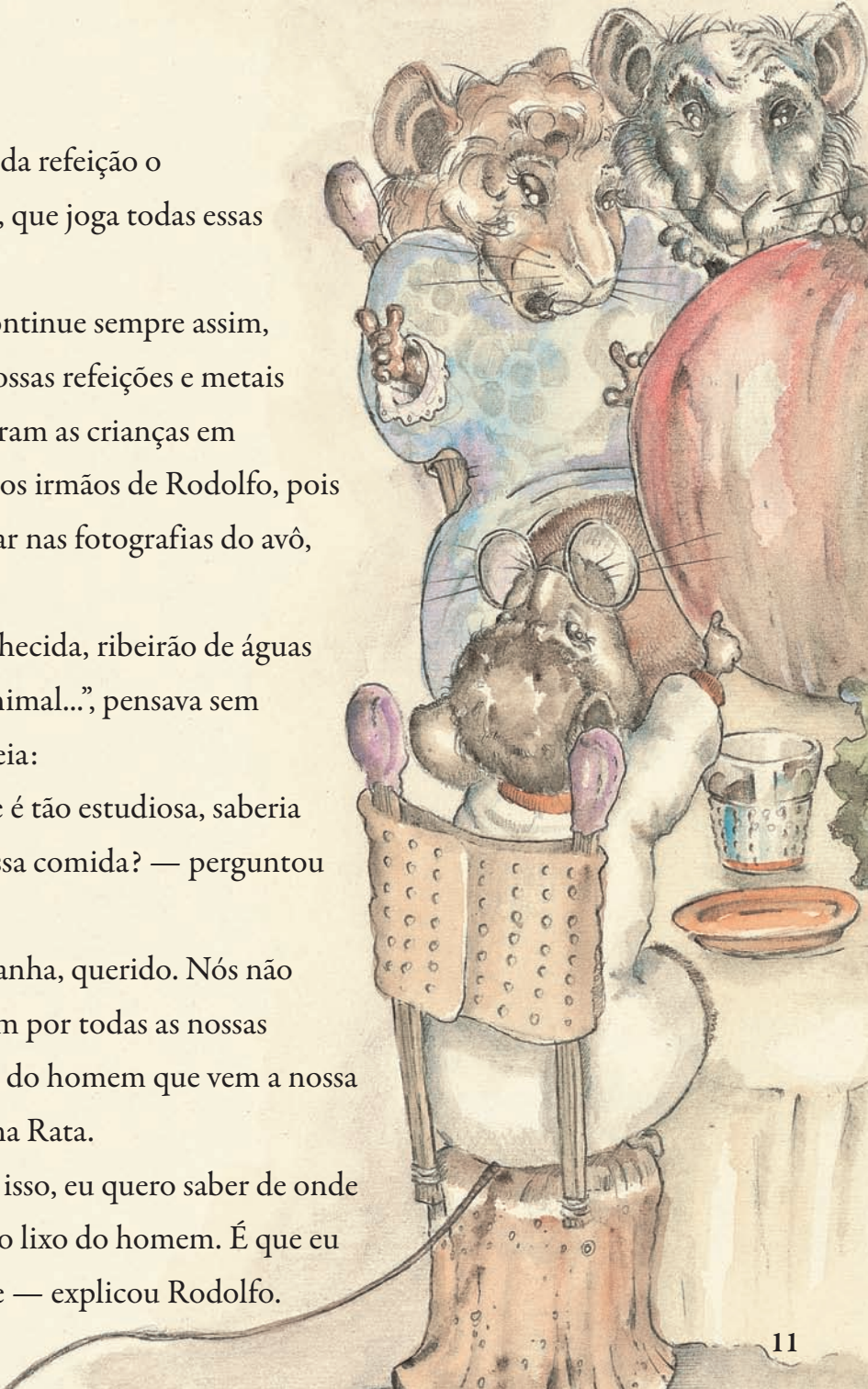
— Obrigada, homem. Continue sempre assim, desperdiçando alimentos para nossas refeições e metais para a empresa do papai — disseram as crianças em conjunto... Quer dizer, disseram os irmãos de Rodolfo, pois ele, sem conseguir parar de pensar nas fotografias do avô, já tinha perdido a fome.

“Estrutura vegetal desconhecida, ribeirão de águas cristalinas, grande diversidade animal...”, pensava sem parar. Foi então que teve uma ideia:

— Mamãe, a senhora, que é tão estudiosa, saberia me dizer de onde vem toda a nossa comida? — perguntou Rodolfo.

— Mas que pergunta estranha, querido. Nós não acabamos de agradecer ao homem por todas as nossas riquezas? Pois, então, é da lixeira do homem que vem a nossa comida — respondeu Dona Joana Rata.

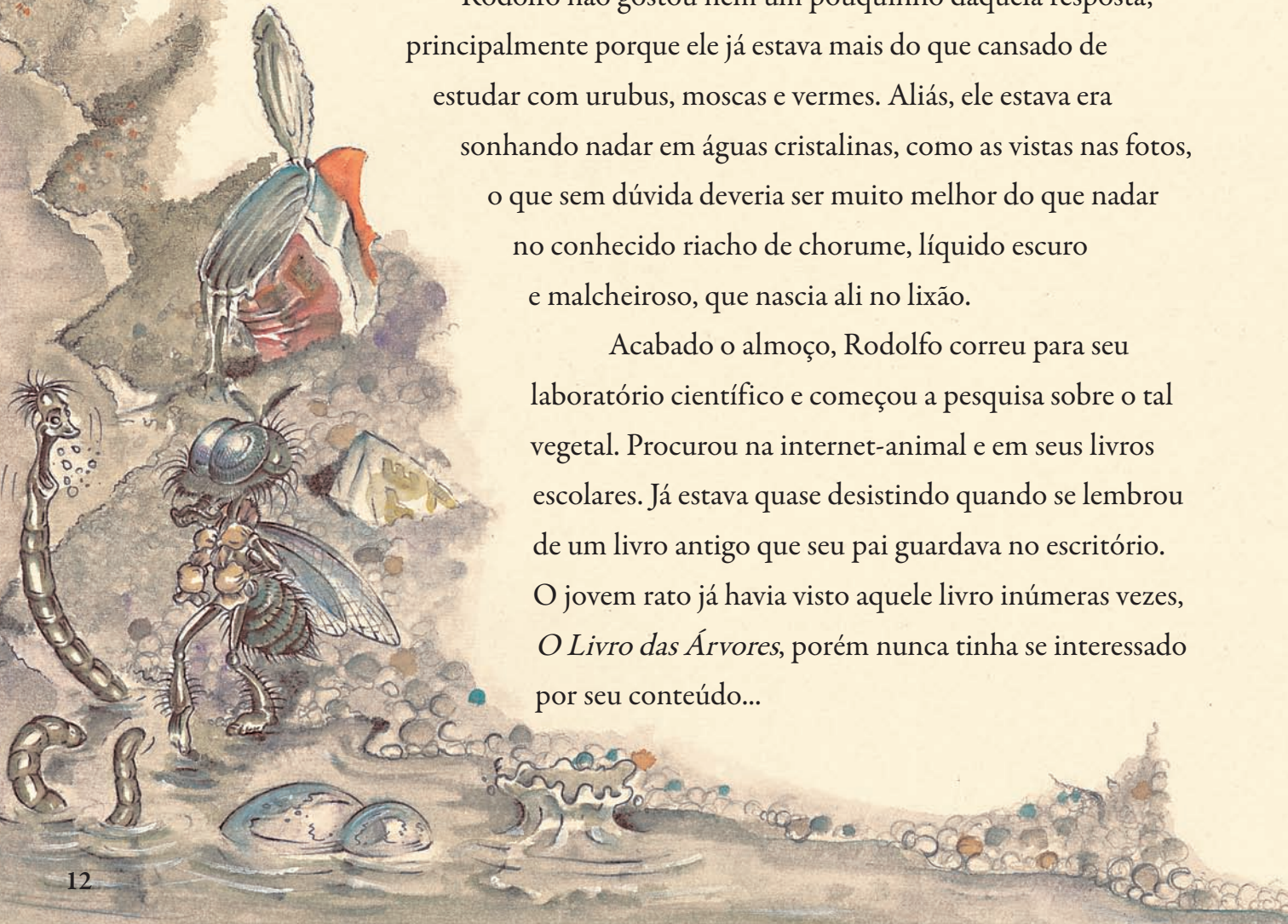
— Mãe, eu não quis dizer isso, eu quero saber de onde vem a comida antes de ir parar no lixo do homem. É que eu nunca vi um vegetal vivo, mamãe — explicou Rodolfo.



— Filho, esse é um assunto delicado. Prefiro que você o esqueça, assim como a história da toca do vovô. É melhor não tentarmos entender certas coisas... Pense apenas em como nossa vida é boa, nossa casa é grande e nossa mesa é farta — disse Dona Joana.

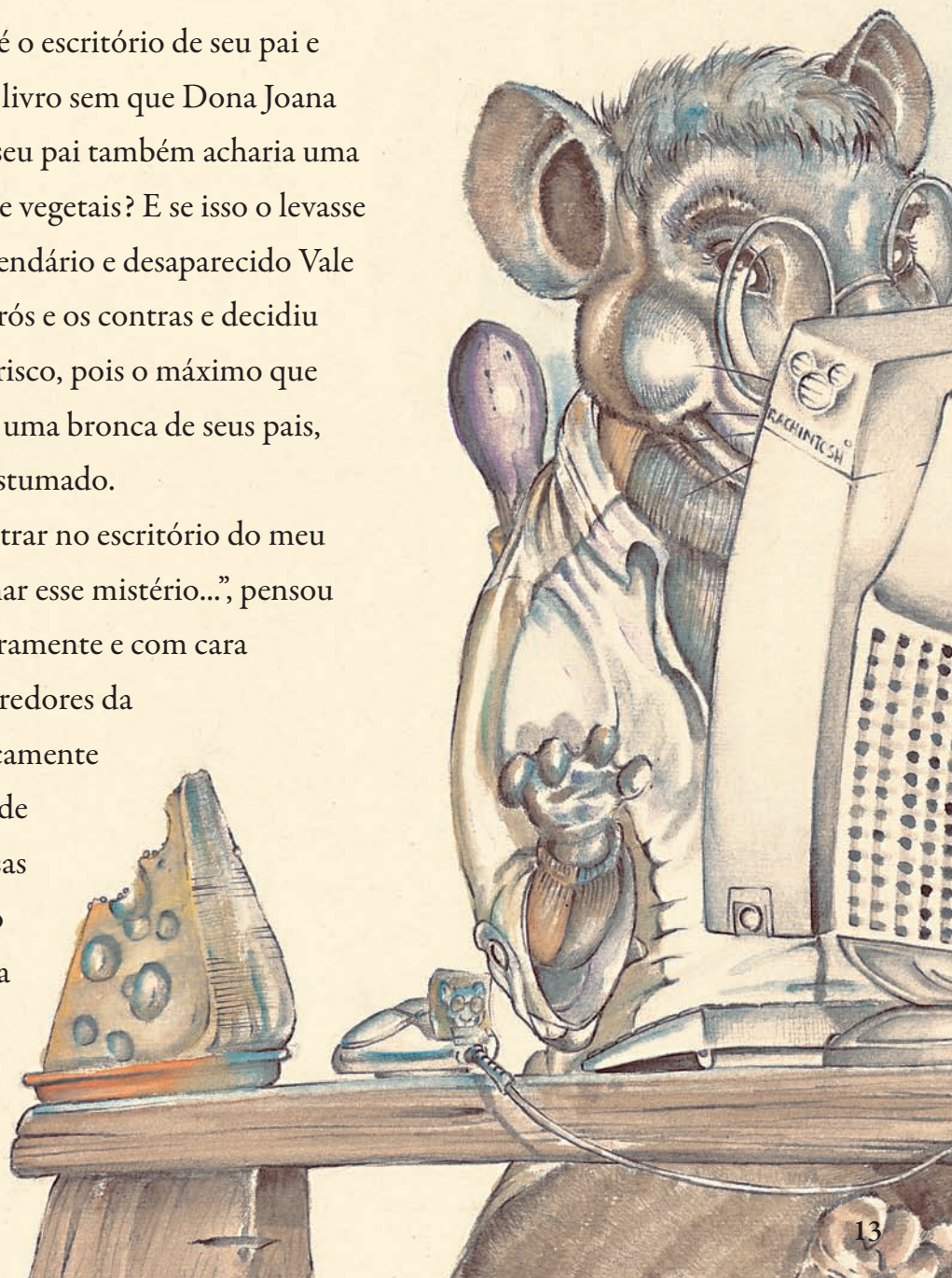
Rodolfo não gostou nem um pouquinho daquela resposta, principalmente porque ele já estava mais do que cansado de estudar com urubus, moscas e vermes. Aliás, ele estava era sonhando nadar em águas cristalinas, como as vistas nas fotos, o que sem dúvida deveria ser muito melhor do que nadar no conhecido riacho de chorume, líquido escuro e malcheiroso, que nascia ali no lixão.

Acabado o almoço, Rodolfo correu para seu laboratório científico e começou a pesquisa sobre o tal vegetal. Procurou na internet-animal e em seus livros escolares. Já estava quase desistindo quando se lembrou de um livro antigo que seu pai guardava no escritório. O jovem rato já havia visto aquele livro inúmeras vezes, *O Livro das Árvores*, porém nunca tinha se interessado por seu conteúdo...



Mas como chegar até o escritório de seu pai e retirar de lá aquele enorme livro sem que Dona Joana Rata percebesse? Será que seu pai também acharia uma bobagem sua pesquisa sobre vegetais? E se isso o levasse a desvendar o mistério do lendário e desaparecido Vale Verde? Rodolfo pesou os prós e os contras e decidiu que valeria a pena correr o risco, pois o máximo que poderia acontecer era levar uma bronca de seus pais, coisa a que ele já estava acostumado.

“Bom, então, é só entrar no escritório do meu pai, achar o livro e solucionar esse mistério...”, pensou Rodolfo, seguindo sorrateiramente e com cara de culpa pelos enormes corredores da mansão da família Rato, ricamente decorados com tampinhas de refrigerante das mais diversas marcas, que o Seu Anselmo Ratão, pai de Rodolfo, fazia questão de colecionar, dizendo serem um “tesouro” especial.



Chegando ao escritório, Rodolfo achou o livro muito rapidamente, pois a rara obra estava no lugar de sempre: na última prateleira da altíssima estante de seu pai. Restava a Rodolfo alcançá-la e sair logo dali.

Rodolfo usou então uma cadeira feita de pinho de caixote de verduras, madeira muito útil, geralmente encontrada na parte sul do lixão, um banco de garrafa plástica de refrigerante, moderno e de design arrojado, e uma almofada muito fofa, com enchimento de bicho de pelúcia, uma raridade ali no lixão, mas que Dona Joana fazia questão de ter no escritório do marido. Empilhou tudo isso perto da estante e pronto: logo conseguiu alcançar o livro. Mas quando Rodolfo chegou lá em cima, bem no alto da estante, ele viu que *O Livro das Árvores* não era um livro apropriado para ratos e outros animais do lixo. Era um livro feito pelos homens para os homens, o que significava que era um livrão enorme e que ele, um pequeno rato cinza de onze anos, não conseguiria carregá-lo. Resultado: o jeito era ler ali mesmo...





Com alguma dificuldade, Rodolfo abriu a primeira página e já estava começando a ler seu conteúdo quando ouviu passos no corredor. Tratou então de se esconder ali na estante.

— Mas, querido, ele está muito interessado, e eu acho que ele já tem idade para saber... — dizia uma voz feminina, que Rodolfo identificou como de sua mãe.

— Não sei, não... Você se lembra de como nossa vida mudou depois do lixão? Antes morávamos em tocas, hoje moramos em mansões... — dizia a outra voz, a voz do pai.

— Mas eu ainda não sei se morar nesta mansão significa felicidade, querido. Eu ainda me lembro da minha infância no Vale Verde, nadando no riacho e brincando com os outros animais. Nós comíamos sementes, subíamos nas árvores... Era uma vida deliciosa! — disse Dona Joana Rata.



— Sabe, querido, estou cansada da vida no lixão. Hoje o próprio Rodolfo lembrou que nunca viu um vegetal vivo!

— Mas, querida, isso é apenas um detalhe. A nossa vida era muito boa, porém sem fartura, sem riquezas e sem empresa de reciclagem de metais! — exclamou Seu Anselmo Ratão. — Decididamente, querida! Não devemos contar às crianças sobre o Vale Verde e sobre as árvores. Que isso fique em nossa memória e... mas o que é isso? — perguntou o pai, olhando para a pilha de móveis feita por Rodolfo.

— Tem alguém aí? — perguntou Dona Joana. — Olá, olá!

Rodolfo estava paralisado, não sabia se sua reação se devia ao que acabara de ouvir ou ao medo da bronca dos pais...

“Quer dizer que meus pais conhecem o Vale Verde! E minha mãe já nadou em um rio de águas cristalinas...”, pensou Rodolfo.

— Olá, olá! Quem está aí em cima? É melhor responder ou eu vou subir! — gritou Seu Anselmo. — Senhor intruso, seja lá quem for, este livro é raro... Não, é mais do que isso, é secreto; e ninguém, ninguém que não seja da minha família pode conhecer seu conteúdo...

— Ah! Então está bem — disse Rodolfo, tomando coragem e olhando para baixo. — Como eu sou seu filho, posso estudar este livro, não é, papai?

Dona Joana e Seu Anselmo se entreolharam. Rodolfo os havia pegado de surpresa. Agora, não restava nada além da verdade:

— Desça daí, filho. Vamos conversar — disse a mãe com voz carinhosa.

— Venha, filho, você já tem idade para saber... — falou o pai em tom encorajador.

E Rodolfo desceu da estante.

— Pai, mãe, quer dizer que o Vale Verde existe? É real? Onde ele fica? Qual o caminho para o vale perdido? — perguntou o jovem rato.





— Calma, querido. — disse Dona Joana. — Antes de tudo, precisamos lhe contar uma história: tudo começou há alguns anos. Nossa família morava em um lindo vale, conhecido como Vale Verde. Lá, os animais eram amigos e viviam em perfeita harmonia. Havia árvores, sementes, frutas e um lindo riacho, onde encontrávamos nossos vizinhos peixes e nadávamos sempre que possível. Era uma delícia viver lá.

— Mas, mamãe, o que são árvores? E, se era tão bom morar lá, por que vocês mudaram? — perguntou Rodolfo.

— Uma pergunta por vez, querido. Como você sabe, seu avô, Dom Rodrigo, era um rato do campo. Seu principal trabalho consistia em espalhar sementes e fazer com que as lindas plantas nascessem por todo o vale. Sua casa, querido, era uma toca em um tronco de árvore — explicou Dona Joana.

— Então aquele estranho vegetal se chama árvore. As árvores são lindas, vi várias fotos delas no álbum do vovô... — deixou escapar Rodolfo.

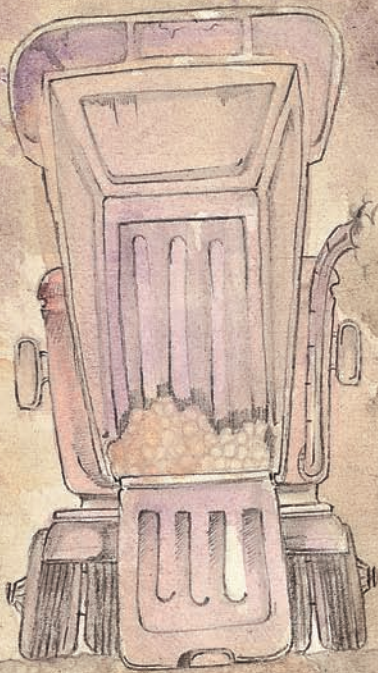
— Mas você está com o álbum de seu avô? —
perguntou Seu Anselmo. — Foi de lá que nasceu toda
essa curiosidade?

— Estou sim, papai. Estou com o álbum do
vovô, e, como sempre sonhei encontrar o caminho
perdido para o Vale Verde, decidi pesquisar as pistas...

— começou Rodolfo.

— Filho, nós vamos explicar tudo... Escute o
restante da história: um belo dia, o homem chegou
ao vale e, não sabemos por que motivo, decidiu
depositar ali o seu lixo. Restos de comida, embalagens
e sacos plásticos, até mesmo brinquedos, tudo o que
você pode imaginar era jogado no vale. Os animais,
no começo, acharam interessante comer os restos de
alimento, mas logo a sujeira cresceu, o lixo começou
a entrar em decomposição, e a maioria de nossos
amigos mudou de endereço. Nós continuamos
por lá. Foi quando eu conheci seu pai... — disse
a mamãe rata.



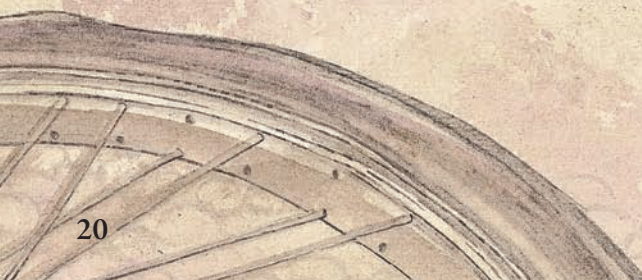


— Eu era jovem e ambicioso, filho. E, no meio daquele lixo, vi riquezas, vi fortuna. Decidi montar a empresa de reciclagem de metais e me transformei no Rei do Metal. Graças ao lixão, nossa vida mudou, temos comida em abundância e muitos tesouros... — disse Seu Anselmo.

— Pois é, filho, o lixo foi se acumulando no Vale Verde, tanto lixo que as árvores e os animais desapareceram, sobrando apenas as baratas, os ratos, os urubus e os vermes. Ninguém mais, além desses animais, consegue viver por aqui... — continuou Dona Joana Rata. — E eu, querido, sinto uma enorme falta do meu riacho, da minha toca, do verde...

— Quer dizer, então... Quer dizer, papai, que o Vale Verde não existe mais porque se transformou no Vale das Lágrimas? — perguntou Rodolfo, incrédulo.

— Filho, o lixão tem sido nossa vida, e eu acho maravilhoso morar aqui. Esqueça o Vale Verde... — começou o pai.



Mas as perguntas de Rodolfo não pararam por aí: ele queria saber como era o mundo fora do lixão, qual o cheiro das árvores, como era nadar em um rio. Queria conhecer outros animais e brincar com eles, queria... Rodolfo queria saber como transformar novamente o Vale das Lágrimas no Vale Verde.

— Isso está fora do nosso controle, filho. O homem é o responsável por essa transformação e só ele pode consertar as coisas — disse a mamãe rata.

— Por mim, eu ficaria aqui... — começou papai Ratão, que decidiu mudar sua fala assim que seu olhar cruzou com o de Rodolfo. — Filho, não olhe assim para mim. Eu não sou o responsável pelo Vale das Lágrimas ser como é. Só me aproveito da situação, assim como o Sr. Urubu Tutu, o Seu Verme Nozo e a Dona Barata Tinha, todos empresários do lixão clandestino.



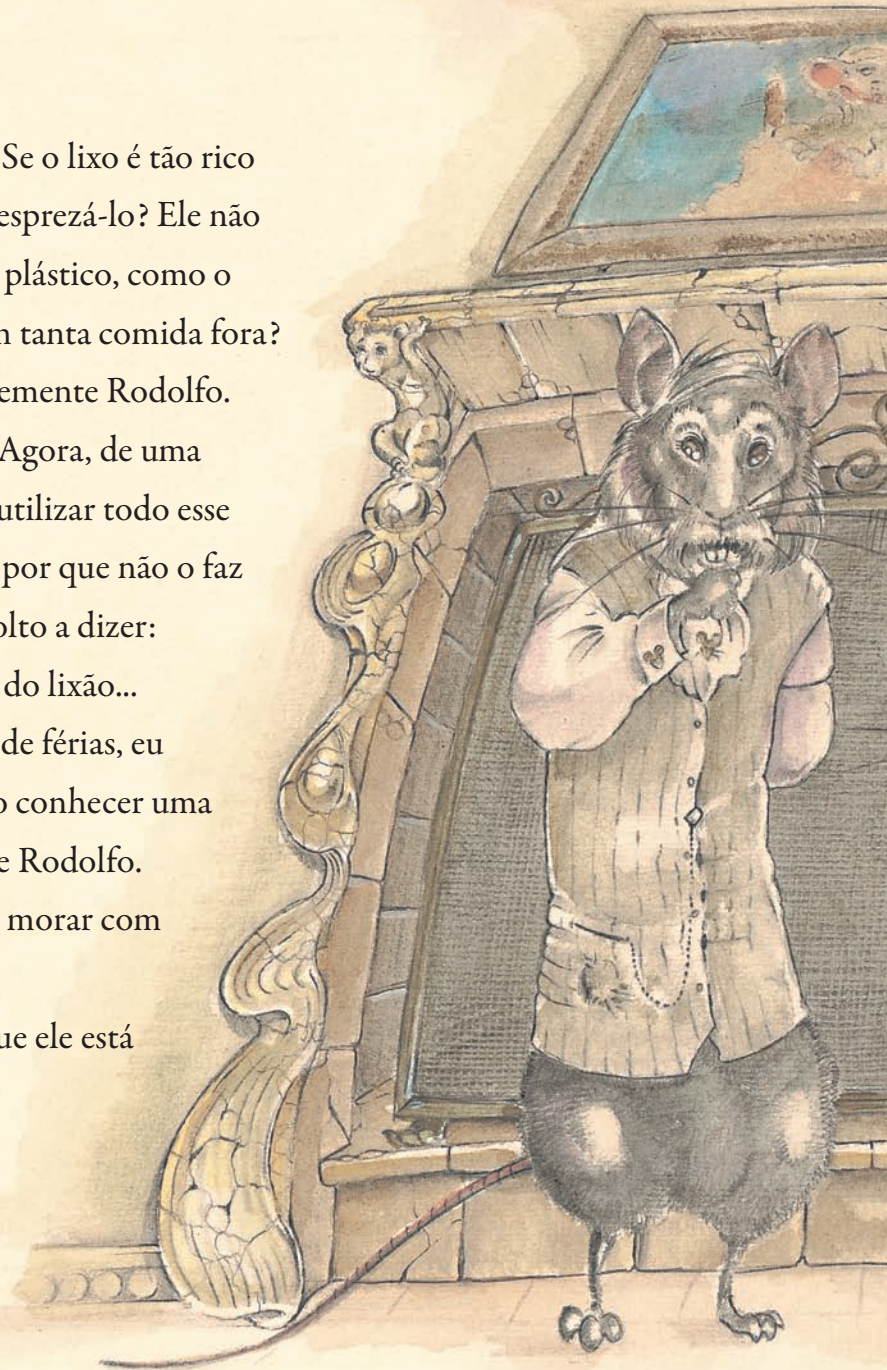
— Mas papai... Eu não entendo. Se o lixo é tão rico assim para nós, como pode o homem desprezá-lo? Ele não sabe reciclar metais, como o senhor, ou plástico, como o titio? E como é possível que eles joguem tanta comida fora? Não, pai, eu não entendo! — disse tristemente Rodolfo.

— Nem eu, meu filho. Nem eu. Agora, de uma coisa eu tenho certeza: se nós sabemos utilizar todo esse lixo, o homem também sabe, só não sei por que não o faz — disse Seu Anselmo Ratão. — E eu volto a dizer: se vocês estão precisando de férias, fora do lixão...

— Férias, papai? Eu não preciso de férias, eu quero uma vida nova, no campo. Quero conhecer uma árvore, quero colher sementes... — disse Rodolfo.

— Pois é, meu bem. Poderíamos morar com papai... — começou Dona Joana Rata.

— O vovô? Quer dizer, então, que ele está vivo? — perguntou Rodolfo, surpreso.





— Claro, querido. Só que desde que o Vale Verde se transformou em Vale das Lágrimas ele se recusa a aparecer por aqui... Dom Rodrigo continua morando em uma toca, em outro vale — disse a mãe.

— Ah! Mamãe, vamos chamar o resto da família, vamos ver se eles também querem se mudar...

— Querido, vamos tentar — disse Dona Joana para Seu Anselmo. — Você sabe tão bem quanto eu que a nossa maior riqueza com certeza não está aqui no lixão, está na natureza. Vamos nos mudar e viver uma vida tranquila, longe do Vale das Lágrimas! — disse finalmente Dona Joana.

E foi o que fizeram. A família Rato Ratão chamou todos os seus integrantes, filhos e mais filhos, e, depois de estudarem o secreto *O Livro das Árvores*, de aprenderem de onde vêm os alimentos e de se deliciarem com as fotografias do álbum do vovô, decidiram que o mundo fora do lixão era muito mais bonito e mais cheiroso.



— Vamos mudar! Vamos nos transformar em ratos semeadores! — exclamaram os irmãos ratos.

Arrumaram suas malas, disseram adeus à mansão e seguiram rumo a uma harmoniosa vida em meio à natureza...

Mas, alguns meses depois, lá na toca da família Rato Ratão...

— Rodolfo, Rodolfo, você continua o mesmo. O que você está fazendo em meio a tantos livros, meu filho? — perguntou sua mãe.

— Mãe, é uma grande ideia para salvar o mundo. Eu pesquisei muito, pedi ajuda ao papai e ao titio, fiz algumas experiências e já estou quase terminando minha obra-prima — respondeu o ratinho.

— E o que vem a ser sua obra-prima?

— Um livro para os homens, mamãe. Um livro que conta como é ruim viver no meio do lixo, que explica que não existe riqueza capaz de compensar a vida longe da natureza. Esse livro, mamãe, será também um manual, o *Manual do Lixo*, por Rodolfo Rato, eu mesmo!

— Que interessante, meu amor. E você poderia me contar como os homens podem aproveitar melhor o seu lixo? — perguntou Dona Joana Rata.

— Claro! Mas o que eu gostaria mesmo de lhe dizer, mamãe, é que ao escrever esse manual eu encontrei o caminho para o Vale Verde...

— Mas, filho, o Vale Verde não existe mais... O lixão clandestino...

— Mamãe, o Vale Verde ainda está lá. E o caminho para que todos nós possamos reencontrá-lo é o caminho da conscientização

— disse Rodolfo. — O lixo é um problema sério. E eu, que já fui filho de um rico rato de lixão, não quero ver o mundo coberto de lixo. A vida em meio à natureza é tão maravilhosa que não há riqueza que pague a destruição. E pensar que há alguns meses nós agradecíamos ao homem por todos os seus restos!





MANUAL DO LIXO

por Rodolfo Rato

Levando em consideração meus estudos, feitos, modéstia à parte, por quem realmente entende de lixo, cheguei a algumas conclusões alarmantes:

1. Existem diversos tipos de lixo, como o industrial, o hospitalar e o urbano. O lixo urbano é todo aquele produzido nas casas, lojas, clubes, restaurantes e hotéis.
2. É muito mais fácil produzir lixo do que se livrar dele.
3. Algumas formas de destinação do lixo são: aterros sanitários, incineradores e reciclagem.
4. Existem também os lixões clandestinos, ou seja, lugares onde pessoas sem consciência vão jogando lixo, lixo e mais lixo.
5. Nos aterros sanitários e nos incineradores, o lixo é tratado de maneira correta, minimizando os impactos negativos ao meio ambiente.
6. A melhor solução para o lixo é a reciclagem. Reciclar significa reaproveitar materiais usados como matéria-prima para a fabricação de novos produtos.
7. Muitos materiais podem ser reciclados, como os metais, os plásticos, os vidros, os papéis e a matéria orgânica.

E, COM BASE NESSAS CONCLUSÕES, ACHO
INTERESSANTE APRESENTAR ALGUMAS SUGESTÕES.

DICAS:

1. Como o problema do lixo é muito sério, os hábitos de consumo devem ser repensados.
2. Evite desperdícios; assim você estará reduzindo a produção de lixo.
3. Procure reutilizar embalagens, mas não descuide da higiene.
4. Reduza o consumo de descartáveis.
5. Utilize produtos com embalagens recicláveis e colabore com programas de reciclagem.
6. Tenha sempre em mente o conceito dos 4 Rs:

REDUZIR, REUTILIZAR, RECICLAR e REPENSAR.

ASSIM SENDO:

Faça a sua parte. Se todos nós começarmos a cuidar bem da nossa casa e dos lugares que frequentamos, se todos nós nos conscientizarmos do problema do lixo, o planeta Terra irá sentir diferença. Dessa forma, lugares lindos como o Vale Verde não serão mais transformados em Vales das Lágrimas.

REDUZIR

REUTILIZAR

RECICLAR

REPENSAR





E olha, até eu, um simples rato,
não gostava de viver lá.

Direitos para esta Impressão e sua Distribuição:

Governo do Estado de São Paulo

© 2001 Patrícia Engel Secco

Revisão: Frank de Oliveira

Direitos de publicação:

© 2003 Editora Melhoramentos Ltda.

3.ª edição, maio de 2012

ISBN: 978-85-06-00696-2

Autor:

Patrícia Engel Secco

Ilustrações:

Eduardo A. Engel

Revisão:

Frank de Oliveira

Capa da Coleção:

Bia Venturini

Colaboração Técnica:

Bia Venturini

Roberta Hannerat

Natasha Keber

Claudio Maluf

Editora Melhoramentos

Secco, Patrícia Engel

O caminho para o Vale Perdido / Patrícia Engel Secco; ilustrações Edu A. Engel;
2.edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Patrícia Secco)

ISBN: 978-85-06-00696-2

1. Literatura infantil brasileira. 2. Preservação ambiental. I. Engel, Eduardo Arnold. II.
Título. III. Série

12/142

CDD-869.8B

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 809.8
2. Literatura infantil brasileira 869.8B
3. Preservação ambiental – Meio ambiente 574.5

Impresso no Brasil

Este livro faz parte do
Projeto Geração Sustentável
da Editora Melhoramentos
Informações: (11) 3874-0902



Apoio Institucional

